REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 477

21 DE MARÇO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Os naufragos continuam ainda a ser a ordem do dia em Lisboa.

É rara a noite, em que n'um theatro ou n'um salão qualquer, não ha uma recita ou um concerto em beneficio das familias das victimas da medonha catastrophe do norte; é certo aos domingos e dias santos o peditorio pela rua, feito por varias corporações e sempre com bom resultado, o que quer dizer que a caridade publica ainda se não cançou dos naufragos.

Entretanto apesar da caridade não se mostrar ainda cançada a opinião publica começa, a apontar a essa caridade outras miserias não menos dignas da sua protecção, sobre tudo agora que é já avultada a esmola enviada ás familias dos pobres naufragos e que a miseria que a catastrophe de Sabbado Gordo entornou sobre ellas principia a estar mitigada.

E a opinião publica tem razão.

Ninguem mais digno da compaixão e dos soccorros de toda a gente que essas desoladas familias de pescadores a quem a morte arrebatando os chefes, os homens, os ganha pão, deixou a braços com a dôr, com a saudade e com a fome: nada mais justo, mais santo, mais bello que esse grande movimento de caridade que de repente agitou todo o paiz, esse movimento em que se associaram fraternal e expontaneamente todas as classes sociaes, mas desde o momento em que a esmola afugentou do lar d'esses infelizes o espectro da fome, não é menos justo, menos santo e menos urgente que se pense nas outras desgraças, que se arrastam tristemente ao pé da nossa porta, nas familias d'esses pobres trabalhadores que ficaram soterrados nas pedreiras do Alvito, nas familias d'esses pobres operarios a quem a crise gravissima que atravessamos, nega o trabalho e com elle o pão que elles honradamente iam buscar ao labor quotidiano.

Uma commissão d'esses operarios dirigiu-se na quarta feira a Sua Magestade a Rainha a Sr.ª D. Amelia, pedindo-lhe respeitosamente que dividisse com elles as esmolas recebidas pela commissão de que Sua Magestade foi a caridosa iniciadora e é augusta presidente para angariar donativos para as familias dos naufragos.

Sua Magestade respondeu o que não podia deixar de responder, isto é, que tendo sido as esmolas recebidas dadas para um certo destino, não podia desvial-as d'esse destino, porquanto não sabia se seria isso da vontade das pessoas que as tinham dado.

Foi perfeitamente correcta e delicadissima a resposta da Rainha, mas o espirito caritativo e o coração bondoso de Sua Magestade não ficou contente com ella.

Era claro que não podia dar ás esmolas que tinha recebido senão o destino para que as sollicitára, mas havia mais miserias a soccorrer, mais lagrimas a enxugar e depois de dar aos operarios a resposta que não podia deixar de dar, Sua Magestade convocou immediatamente a commissão a que preside e propôz-lhe que do producto de todas as festas que ainda ha a fazer, de todas as esmolas que ainda ha a pedir, se tirasse uma parte importante para os pobres de Lisboa, para os operarios sem trabalho, para as familias dos mortos do Alvito, para todas as miserias que necessitam de prompto lenitivo, declarando-se, é claro, ás pessoas a quem se pedir essas esmolas, ou o auxilio para as alcançar, o fim a que ellas se destinam.

A proposta de Sua Magestade foi unanimemente approvada, e de todos os lados chovem bençãos sobre a Rainha, que tão santamente e tão nobremente sabe comprehender e sabe executar a mais alevantada e sublime das virtudes christãs: — a Caridade.

A resolução de Sua Magestade foi acolhida com enthusiasmo por todo o publico e fará com certeza que as festas, que pela sua iniciativa e sob o seu patronato se vão realisar em Lisboa, sejam ainda mais brilhantes, mais concorridas e mais rendosas.

Uma d'essas festas é um concerto no theatro de S. Carlos, concerto em que toma parte o illustre tenor Tamagno, que para esse fim vem expressamente a Lisboa.

Pensou-se tambem, como aqui dissemos, em que a festejada primadona Eva Tetrasini, que tão grande successo alcançou ha tres annos em Lisboa e que tão gratas recordações deixou no nosso publico, viesse tomar parte no concerto, mas teve que se desistir d'essa idéa, porque a illustre cantora tem que estar no dia 3 de abril em Barcelona, e o concerto só se poderá realisar naturalmente no dia 4 d'esse mez.

Um dos grandes attractivos d'esse concerto será tambem a parte instrumental, pois tomam n'ella parte tocando juntas sob a direcção do distincto maestro Victor Hussla, a orchestra 24 de julho e a orches-

O EXPLORADOR AFRICANISTA V. L. CAMERON

Vide art. «A Inglaterra Conquistadora»

(Segundo uma photograghia de Lock & Whitfield)

tra da Real Academia dos Amadores de Musica.

A idéa do baile por subscripção, nas salas do Ministerio dos Estrangeiros, foi posta de parte por difficuldades de realisação; mas compensando a falta d'esta festa haverá o torneio á Idade Media no Hypodromo de Belem, para que se trabalha activamente, e que terá além de tudo o merito da novidade.

Das festas que noticiámos na nossa ultima chronica realisaram se já e com grande brilho, a recita de amadores no theatro de D. Maria, o sarau litterario-musical promovido pelo Gremio Luzitano no salão do theatro da Trindade, a recita offerecida pela empreza do theatro do Gymnasio, o sarau gymnastico dos socios do Gymnasio Lauret do Porto e do Real Club Gymnastico de Lisboa, no Colyseu dos Recreios, a recita dos alumnos do lyceu no theatro da Avenida e a representação por militares, do drama *29* ou *Honra e Gloria*, no mesmo theatro.

* * *

Como veem quasi todos os espectaculos tem sido dedicados a estas festas de caridade; mas ainda assim, n'estes ultimos dez dias, houve nos theatros algumas novidades.

No theatro do Principe Real, houve em beneficio da illustre actriz Amelia Vieira a primeira representação d'um drama original do nosso presado amigo o sr. Maximiliano de Azevedo, o erudito escriptor que os leitores do OCCIDENTE conhecem muito bem.

Chama-se esse drama *O crime das Picôas* e tem 5 actos e 7 quadros, 5 actos e 7 quadros, que foram ouvidos com muito interesse e applaudidos com muita justiça pelo publico, que na noite da sua *première* tinha enchido o theatro do Principe Real a festejar uma das nossas mais formosas actrizes e a ver o trabalho original d'um dos nossos mais distinctos e correctos escriptores.

E' claro que fazendo um drama para o theatro do Principe Real, Maximiliano d'Azevedo, que conhece muito o theatro, não fez um drama litterario. Ainda assim no *Crime das Picôas* o homem de lettras trae-se a miudo, a linguagem é sempre alevantada quando a indole do personagem o permitte, porque Maximiliano teve o cuidado de fazer fallar cada qual como quem era, e por vezes essa linguagem assume um brilho notavel, como por exemplo no 2.º acto, um acto que teria um legitimo successo no theatro de D. Maria.

Toda a peça é muito bem feita, dentro do seu genero, os personagens estão muito bem estudados como por exemplo o do brazileiro Bougado, que é um typo comico de primeira ordem, o de Conchita uma hespanhola da vida airada, estudada com tanta verdade, que chegou a escandalisar um pouco o paladar romantico do publico do Principe Real, o da adella, o do commissario de policia, etc.

O *Crime das Picoas* teve um desempenho muito regular sobresahindo n'elle o actor Costa, que faz com immensa graça o papel do brazileiro, o actor Gil que é excellente no papel de criado, a actriz Amelia Vieira que fez com verdadeiro talento e sentida paixão o seu personagem, o actor Valle que luctou valentemente e por vezes victoriosamente com as difficuldades d'um *grand prémier role*, o actor Pato Moniz que fez muito distinctamente o commissario de policia, a actriz Douradinha soberba de verdade no papel da adella, e Julio Vieira como actor e como ensaiador.

N'essa noite no Principe Real houve uma estreia das mais brilhantes a que temos assistido, a estreia do filho de Amelia Vieira, e do grande actor Santos, que não quer seguir a carreira theatral mas que tomou parte na festa de sua mãe recitando uma poesia comica.

A maneira intelligente e distincta como elle disse essa poesia, valeu-lhe um *successo* enorme.

A poesia é muito graciosa muito bem feita, e valeu tambem ruidosos applausos ao seu auctor, o sr. Fernandes, um rapaz muito novo ainda, redactor da *Vanguarda*, onde publica quotodianamente gazetilhas que pela expontanea graça e facilidade com que são feitas, tem chamado sobre o seu auctor as attenção do publico.

* * *

No theatro da Trindade houve tambem uma *première*:—*A menina do Telephone*, uma opera comica que em Paris teve grande successo, que em Lisboa agradou muito tambem e em que teve uma notabilissima estreia uma actriz nova que se apresentou na Trindade a sr.ª Augusta Cordeiro de quem nos dizem maravilhas.

Ainda não tivemos occasião de ver a peça nova da Trindade, como ainda não vimos a revista do anno *Fim do seculo* no theatro da Rua dos Condes, nem a companhia lyrica italiana que está tendo grande successo no Real Colyseu da rua Nova da Palma: trataremos de ver estas novidades e na proxima chronica diremos d'ellas aos nossos leitores.

A necrologia tem tambem hoje parte importante n'esta nossa chronica, não pelo numero de mortos, mas pela importancia d'elles: um homem de sciencia muito distincto, academico illustre e muito conhecido em Lisboa o sr. José Horta, outro um dos vultos mais proeminentes da politica portugueza, um dos estadistas que maior prestigio tinha no nosso paiz, o sr. conselheiro Lopo Vaz.

José Horta morreu quasi de repente.

Na vespera ou na antevespera da sua morte, tinhamol-o encontrado na rua do Ouro.

Havia muitos mezes que o não viamos e achamos-lhe grande differença, muito mais avelhantado, abatido e pareceu-nos preocupado, exquisito.

José Horta, sob as suas apparencias frivolas de elegante, era um sabio distincto, um mathematico notavel deveras.

N'uma das suas ultimas conferencias na Academia, *Os infinitamente pequenos*, teve um grande successo no mundo scientifico; e os seus trabalhos de academico e de professor são importantes e fazem muito honra ao seu nome.

Grande amador de musica, José Horta era ha muitos annos um dos *dilletante* mais pontuaes do theatro de S. Carlos, não faltando nunca a uma *première*, na sua cadeira, na segunda fila mesmo ao meio do theatro; excellente cavaqueador, homem da fina sociedade, era querido e estimado em toda a parte e tinha numerosos amigos entre os homens mais eminentes da nossa terra.

A sua morte completamente inesperada, causou profunda sensação.

A morte de Lopo Vaz, essa era esperada havia muito, infelizmente.

As melhoras que elle tinha tido da sua grande doença, eram ficticias; todos os seus amigos o sabiam mais ou menos; a diabetes havia de continuar inplacavel a sua obra e concluiu-a exactamente no mesmo dia em que fasia trez mezes, que na egreja dos Martyres se tinha celebrado o *Te-Deum* pelas melhoras do illustre estadista.

Lopo Vaz morreu no dia 20 ás 10 e meia da manhã, e deve ser sepultado no dia 22, o seu cadaver velado pelos seus mais notaveis amigos e correlegionarios.

A morte de Lopo Vaz é uma grande perda para o partido regenerador, e é uma enorme perda para a sua desolada familia, a quem enviamos os nossos mais sentidos pezames.

Gervasio Lobato.

A INGLATERRA CONQUISTADORA

(CONFERENCIA DE L. CAMERON)

> «*Je suis un converti...*» (Palavras de *L. Cameron* na noite de 14 de março de 1892 em Lisboa).

VI

Ha quasi dois annos que, sob o titulo acima, publicámos, uma serie de artigos no OCCIDENTE [1] onde nos soccorriamos do testemunho de altas notabilidades britanicas da egreja, do parlamento, e do exercito, para demonstrar que são elles proprios, os inglezes, que nos fornecem a prova do seu egoismo e da sua proverbial ingratidão.

São passados dois annos...

Pois bem, ha dias, Cameron que tão profusamente nos calumniou, e gratuitamente nos accusou de ineptos, de fracos, de incapazes de sustentar as nossas possessões africanas, quanto mais de colonisal-as e civilisal as, — pois é esse mesmo inglez Cameron que ainda ha dias em plena sessão solemne da Sociedade de Geographia de Lisboa, perante a sua illustrada direcção, deante do sr. ministro da marinha, dos representantes da Inglaterra, Austria, Russia e Belgica, troça de um modo desopilante das filaucias colonisadoras do rei dos belgas, cae a fundo sobre o governo inglez que, como governo de uma poderosa potencia colonial, não tem feito senão *tolices (sic)*; e declara-nos o primeiro povo civilisado e colonisador da Africa Austral!!...

Muito bem, mr. Cameron disse verdadeiras perolas, que nós não sabemos como pagar-lhe. Nunca é tarde para o arrependimento.

* * *

Agora vamos dar uma ideia do discurso de mr. Cameron, sobre o qual a imprensa de Lisboa entendeu não fazer commentarios, limitando-se a publicar extractos da conferencia.

Pois temos um conflicto com a Inglaterra que alterou, para assim dizer, todos os alicerces do edificio da nacionalidade portugueza, vemos todas as nações retrairem-se perante a ideia de uma acção decisiva em nosso favor contra as pretensões inglezas, vemos as proprias manifestações dos nossos populares, esfriarem, emudecerem, parecendo que todo o paiz se conformou com a *negra sorte* de padecer e calar, — e não se repara no facto importantissimo de um official superior da marinha real de sua magestade a imperatriz das Indias e soberana da Grã-Bretanha, vir a Lisboa, ao centro de uma sociedade scientifica, declarar que os melhores *colonisadores do mundo* não teem feito senão tolices *(betises!)* e que o verdadeiro trabalhador, o principal colonisador da Africa é o povo portuguez!!!

Em que paiz do mundo passaria, nas nossas circumstancias, despercebido este facto de tão capital importancia para nós?..

* * *

Cameron começou a sua conferencia declarando que ia fallar em francez por ser o idioma mais sympathico aos ouvidos portuguezes.

Descreveu desde o principio de este seculo as explorações portuguezas, citando tambem o trabalho de Levingston.

Disse que todo o commercio indigena do interior e uma grande parte do litoral da Africa oriental e occidental fôra iniciado e é hoje sustentado só pelos portuguezes; que é difficil fazer uma travessia na Africa Austral, seja em que rumo for que se não encontrem vestigios da passagem dos portuguezes.

Que ainda a seu ver Loanda é uma das primeiras cidades de Africa. O caminho de ferro de Lourenço Marques e o de Ambaca é uma alta demonstração do muito que modernamente os portuguezes tem feito em prol da civilisação africana. Porque são os dois primeiros caminhos de ferro de penetração feitos na Africa, e esses caminhos de ferro pertencem a Portugal.

O sr. Cameron, que ha tempo tanto offendeu o brio portuguez accusando nos de fazer escravatura, reconheceu n'esta conferencia que *Portugal a tem lealmente suprimido e esmagado*, e que se existe em alguma parte, é em sitios aonde não póde chegar a acção do governo portuguez para punir os culpados.

Cita os nomes de Lacerda e Almeida, Silva Porto, Monteiro, Gamitto e faz a historia, com largo e correcto conhecimento das descobertas portuguezas na Africa, desde o tempo do infante D. Henrique até ás modernas explorações. Aqui, faz completa justiça aos esforços e sacrificios de Portugal em favor do progresso e do desenvolvimento da raça africana, dirigindo e aproveitando as suas incontestaveis qualidades.

As explorações scientificas e de commercio, diz o illustre conferente, feitas por Portugal no interior da Africa tem sido as mais proficuas para o desenvolvimento do progresso moderno e são as mais sympathicas aos povos africanos.

Cameron entende que não devem ser levadas da Europa para Africa as rivalidades de nação para nação. As questões europeas devem ser resolvidas na Europa. A Africa é dos africanos e para os africanistas. Na Africa não deve haver francezes nem inglezes nem allemães, mas somente homens civilisados, e aos unicos que por ventura se deve fazer excepção de nacionalidade, são os portuguezes. Na Africa deve haver simplesmente combatentes pelo progresso.

São os portuguezes pela razão historica e pela prioridade pratica.

Se a Allemanha, a Inglaterra, a França se juntarem a Portugal para definitiva exploração de Africa, dando a Portugal o logar na guarda avançada, não serão todas estas nações demais, com todo o seu ouro, com todos os seus homens de sciencia, os seus pioneiros, não serão demais para trazer a Africa para a civilisação.

[1] OCCIDENTE n.º 400 a 407 do anno de 1890 — vol. XIII.

Mas tem de ser uma civilisação africana, sem nenhuma das questões que se debatem na Europa, os processos e systemas, tem de ser muito diversos dos empregados na Europa, — é um mercado novo, são nações novas que se vão crear, é preciso que não tenham nenhum dos preconceitos das velhas nações da Europa.

O que tem, mais do que o clima, mais do que a selvageria de alguns negros, mais do que a infame escravatura, atrazado a civilisação — é a Europa querer impôr á Africa os seus habitos, os seus systemas de governar.

Termina dizendo que incontestavelmente está, *malgrè tout*, reservada a Portugal ainda uma grande preponderancia na Africa, e agradece a presença do sr. ministro da marinha.

. . . .

O sr. Cameron devia esta reparação a Portugal. Eu vi *com os meus olhos* o estado em que elle chegou a Benguella da sua ultima travessia; o sr. Cameron se não fosse a benevolencia, a dedicação dos portuguezes em Africa, que lhe salvaram a vida e curaram a doença, nunca teria ensejo de escrever um livro que tão *inglezmente* nos tratou. Por isso, repetimos, foram verdadeiras perolas as palavras do illustre inglez.

Manuel Barradas.

INDUSTRIA PORTUGUEZA

AS FABRICAS DE PANNOS DA COVILHÃ

I

ALÇADA E MOUSACO

Não ha elemento mais poderoso para fazer prosperar uma industria como a hereditariedade na familia e no meio em que ella nasceu.

É por isso que nós vemos em todo o paiz e em todos os paizes, n'uma localidade de somenos importancia ás vezes, uma industria desenvolverse a ponto de irradiar por toda a parte, chegando até a exportar-se para o extrangeiro, quando d'isso é susciptivel.

É assim que nós vemos na pequena aldeia de Affife, no alto Minho, germinar toda uma raça de estucadores perfeitissimos que sabem a embellesar com os seus trabalhos os mais luxuosos palacios das principaes cidades; é assim que em Lorvão se desenvolve a industria dos palitos, e por tal fórma que, depois de abastecer todo o paiz, leva os seus productos ao extrangeiro, onde são estimados como uma especialidade que só nas mesas de luxo apparece.

E o caso é que este pequeno artefacto é caracteristicamente conhecido como portuguez, nos principaes hoteis, palacios e lojas de França e Inglaterra.

É áquella hereditariedade de costumes, facilitada pelas condicções do meio, que se deve o radicalismo da industria das lãs na Covilhã, e o seu continuo desenvolvimento.

Vinculada nas tradicções de paes a filhos, essa industria tem empregado todos os novos processos para o seu adiantamento, que ali, como em parte alguma, se póde promover, porque encontra todos os elementos de vida, reunidos pela natureza e pelos costumes.

A cidade, recostada na vertente da serra, em amphitheatro, offerece as maiores facilidades para a construcção d'aquelles monstruosos montões de pequenas janellas que constituem os edificios das fabricas, e para a exposição dos pannos ao ar e á luz, em grandes estendaes inclinados.

Para materia prima do seu fabrico, agitam-se na montanha numerosos rebanhos de carneiros, cuja lã era outr'ora a unica que se consumia n'aquelles engenhos primitivos.

Para combustivel, recebe, ainda da montanha, a lenha que os chamiceiros lhe trazem nas pequenas alimarias.

Para motor das suas machinas, serpenteia pelo seu solo o fertilisador Zezere e seus affluentes.

Para escola dos seus artistas lá estão os pequenos teares caseiros, a industria privada, onde se formam os operarios do amanhã de todos os dias, que vão gostosos para a officina porque ella constitue, desde os seus primeiros annos de vida, a sua aspiração, como já o foi a de seus paes, como o será a de seus descendentes.

E' filha do esforço de dois homens d'estes a vasta fabrica de lanificios de que hoje damos a gravura.

Fundaram-n'a em sociedade dois industriaes activos, trabalhadores economicos, desejosos de alargar as condições da fabricação que effectuavam em casa, onde a lã soffria todas as operações pelos proprios membros d'aquellas duas familias, sendo carduçada, cardada, fiada e tecida pelas mulheres pelos irmãos, pelos filhos.

O velho Alçada e o velho Mousaco tomavam a saragoça sobre as suas mulas, e lá iam, paiz fóra, vendel-a ás feiras, ainda as mais distantes.

Quando com este esforço de vontade, conseguiram juntar o bastante para estabelecer a sua industria em condições mais vastas, fundaram a fabrica que mais tarde havia de ser, como o é hoje, uma das principaes do paiz.

Bemdisse-lhes o destino á sua perseverança porque viram prosperar as suas officinas, porque encontraram em seus filhos dois bons continuadores da sua obra.

São estes os proprietarios hoje da grande fabrica de tecidos Alçada e Mousaco, fabrica cuja importancia se demonstra nos seguintes esclarecimentos fidedignos, que sobre ella tomámos na visita que ali fizemos.

O pessoal compõe-se de 214 homens, 65 mulheres e 62 creanças de 12 a 15 annos; total 341 individuos.

Os motores são: Uma caldeira multidubular inexplosivel da força de 100 cavallos da casa De Nayer & C.ª, da Belgica, fornecida pelo digno representante d'esta casa em Lisboa, o nosso amigo Adolphe Seghers; uma machina de vapor «Farcot» da força de 120 cavallos; uma roda hydraulica mixta de 20 cavallos; uma pequena machina a vapor «Carliss» e uma caldeira, de 18 cavallos cada uma. Total da força empregada 276 cavallos.

As diversas machinas em constante movimento são as seguintes:

Apisoamento: 2 lavadeiras; 2 batanos; 1 lavadeira-batano; 3 perchas; 1 hydro-extractor.

Tinturaria: 3 caldeiras para lãs; 1 para fios; 1 dorna para tintura d'anil.

Cardação e fiação: 1 esfarrapadeira; 1 variadeira; 1 escolhedeira; 1 lobo; 3 sortidos de cardas, constando cada um de uma carda emborradora, uma repassadora e um apparato; 2 fiações Selfactings (Platt), com 800 fuzos; 2 ditas Mullgenys, com 625 fuzos; 3 machinas para fazer cordão; 1 roladeira Boyd, com 200 fuzos, para fios lisos e phantasias; 1 dita Platt, com 100 fuzos, idem; 1 regua de tornear os cylindros das cardas; 1 machina de esmerilar puado, com 2 cylindros de vae-vem; 1 dita de vestir os puados nas cardas.

Tecelagem: 1 dobadeira longa; 1 enroladeira dupla; 1 dita simples; 4 encheideiras; 5 urdideiras manuaes; 1 dita mechanica a vapor, com guarda-douro, camara de seccagem, enroladouros etc; 61 theares manuaes; 21 ditos mechanicos.

Ultimação: 3 tezouras longitudinaes; uma escova; 1 velludeira; 1 prensa de ferro para prensagem por meio de laminas aquecidas; 1 prensa cylindrica continua, para prensagem automatica por meio de vapor.

Os detalhes que deixamos aqui provam o grau de adeantamento da fabrica dos srs. Alçada e Mousaco, hoje provida dos mais modernos e aperfeiçoados apparelhos da sua industria.

A producção annual foi, nos ultimos annos, de 150 contos; no anno corrente não será inferior a esta cifra, e maior seria se não fossem as difficuldades da crise que temos atravessado.

O espirito proteccionista que, felizmente, vae acordando no nosso povo, compensará, porém, aquellas difficuldades, dando preferencia aos productos portuguezes que, especialmente n'esta industria, nada deixam a desejar aos extrangeiros.

A fabrica Alçada e Mousaco, e outras da Covilhã, de que mais tarde nos occuparemos, estão produzindo tecidos perfeitissimos, de variadissimos padrões em todos os generos. D'isso tivemos a prova na visita que ali fizemos, que nos deixou maravilhados com os progressos d'esta industria, apezar de que muito d'ella sabiamos já pelos productos que encontravamos no mercado de Lisboa, visto que (vamos lá que já se póde dizer isto sem cair no ridiculo) desde muitos annos que quem estas linhas escreve busca para seu uso exclusivamente os productos portuguezes.

L. de Mendonça e Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

AFRICA PORTUGUEZA — SENA

A Villa de Sena na nossa Africa Oriental, é das mais antigas povoações ali fundadas por portuguezes, que constituiu um verdadeiro imporio portuguez, como ainda hoje o attestam muitas ruinas de edificios particulares e publicos e as noticias da existencia de quatro egrejas de que não se veem sequer os vestigios.

Teve a sua epoca de prosperidade. Residencia de muitos portuguezes illustres de nascimento, possuidores de grandes prasos, contando-se entre esses portuguezes os Salemas, os Pereiras, os Mendes, Calejas, Moraes e Mendes e Vasconcellos etc.

A villa de S. Marçal de Sena, foi séde da capitania, denominada Rio de Sena, nos primeiros tempos da conquista.

A nossa gravura, copia de uma photographia, representa parte da villa, vendo-se á direita a serra Barramoana e a feitoria holandeza, a que maior commercio sustenta na Zambezia; a esquerda vê-se a casa da sobdelegação da fazenda, que pertenceu antigamente ao capitão-mór de Sena, Eleuterio Vulnay da Costa, e a casa da Camara Municipal.

Tem Sena uma forteficação quadrada com quatro baluartes, que eram ligados por muralhas hoje em grande parte destruidas.

Dava entrada a esta fortificação um bello portal que tem uma inscripção indicando que a fortaleza fôra mandada fazer pelo capitão geral João Fernandes d'Almeida etc.

E' profundamente injusto que os modernos colonisadores da nossa Africa, queiram disputar-nos a posse de nossos dominios africanos, quando os seculos attestam a dominação portugueza por toda a Africa, não se cruzando aquelle paiz em ponto nenhum, que não se encontre dominação ou rasto dos portuguezes, como ainda ha bem poucos dias o confessou em conferencia publica na Sociedade de Geographia de Lisboa, um proprio inglez M. Cemeron, o grande explorador do paiz Africano.

O GERAL DOS JESUITAS
PADRE ANTONIO MARIA ANDERLEDY

Falleceu no dia 18 de janeiro ultimo, na cidade de Fiezole (Italia) o reverendo padre Antonio Maria Anderledy, successor do sabio padre Beckx, geral da Companhia de Jesus.

Anderledy nasceu na Suissa, no cantão de Valais, em 1819, e tendo desoito annos de idade entrou no noviciado da Companhia, ensinando litteratura no collegio de Friburgo, depois de ter completado os seus estudos theologicos em Roma.

Quando os jesuitas foram expulsos do territorio helvetico, residio por algum tempo em Chambery, mas pouco depois embarcou para a America do Norte, onde dirigiu a missão de Greenbay, na comarca de Erie.

Voltou á Europa, chamado por seus superiores, em 1858, e não só exerceu varios cargos importantos nos collegio de Colonia e Paderborn, mas fundou dez annos depois o famoso Collegio de Maria Lach, uma das principaes casas de educação da Companhia de Jesus.

Em 1870 formou parte do conselho superior da Ordem, representando a provincia germanica; foi desde então o mais util auxiliar do reverendo padre Beckx, que tinha succedido ao reverendo padre Rothaan, em 1853, como geral da Ordem.

As suas virtudes e grande sciencia valeram-lhe o ser nomeado vigario geral e coadjuctor e futuro successor, em 24 de setembro de 1883, o que foi confirmado por eleição em 1887, quando morreu o geral da Ordem o reverendo padre Beckx.

O padre Anderledy possuia uma vasta erudição, um caracter firme, grande dignidade na sua vida privada e publica, e excellentes qualidades de administrador intelligente e consciencioso.

Diz-se que a eleição do novo geral da Ordem se effectuará em principios de maio, em Feldkisch (Austria), sob a presidencia do vigario geral da Companhia, reverendo padre Luiz de Martin, hespanhol e antigo alumno do Seminario de S. Jeronymo de Burgos.

PODER DA VONTADE

(CONTO MEDIEVAL)

(Concluido do n.º 475)

Os pretendentes, concentrando o espirito e pensando profundamente sobre o caso, apenas acharam como linitivo a tão grande magoa a offerta de perolas, brilhantes e outras joias de subido valor, que, á profia, lhe foram lançar sobre o regaço.

Os estultos imaginavam que as grandes pôres

da alma se acalmam ao contacto das riquezas ainda as mais deslumbrantes!

Aquellas dadivas não tinham o condão de restituir a alegria, que a saudade do rouxinol lhe roubara, e por isso Arminda continuava triste, olhando indifferentemente tudo o que a cercava. N'isto Alli-Amrú apparece trazendo na mão a pequena ave e dizendo:

— Aqui está, minha senhora, a causa da sua tristeza; oxalá que a innocente avesinha lhe restitua a alegria, que tão bem lhe fica, e lhe dê a felicidade de que é digna.

— Ah! cavalleiro, exclamou ella; como soube comprehender-me! E proclamou-o o mais amavel de todos os que pretendiam agradar-lhe.

Era a primeira victoria!

Ali-Amrú olhava para tudo aquillo sem saber o que fazer. Elle que apenas sabia fazer esparrellas aos passaros e armadilhas aos animaes bravios; que nunca manejara aquellas enormes e pessadissimas lanças, como poderia haver-se em concorrencia e lucta com homens amestrados em mais de vinte batalhas?

O melhor seria consultar primeiro o seu fiel amigo.

Assim o fez.

Retirou-se para o vão de uma janella, tirou do cinto a caixa rectangular e carregou o botão.

O phonographo não se fez esperar e fallou d'est'arte:

— Trata primeiro do cavallo que deves montar; dá-lhe ração dobrada e uma sopa de vinho; examina as cilhas e o freio para que tudo esteja em ordem. Feito isto ceia tranquillo, sem o mais leve cuidado.

Agora sim; agora é que a coisa estava a calhar!

Os cavallos conhecia elle bem; podia extremar as raças, advinhar-lhe o genio, apreciar-lhe as qualidades, destreza e força. Em summa tinha a aptidão necessaria, adquirida pela experiencia, para escolher o melhor murzello das cavallariças do castellão.

E n'esta escolha passou o resto d'aquelle dia, convicto de que ninguem como elle, montaria melhor praça. A' noite, depois de recolher ao quarto, quiz mais uma vez escutar as indicações do fiel conselheiro.

Tomou a pequena caixa rectangular, collocou-a sobre o leito, afagou-a com ternura e beijou-a com transportes de reconhecimento como se o fizera a um amigo dedicado, a um pae extremoso, que soubesse comprehender-lhe os sentimentos de gratidão, que lhe iam n'alma, e que tinham necessidade de expandir-se em actos de sensibilidade e de meiguice infantil, inteiramente harmonicos com os seus poucos annos e com a bondade do seu coração ternissimo.

Ora a abraçava contra o peito, ora a conchegava ao coração. Umas vezes collocava-lhe os labios, outras corria levemente, mansamente, a palma da mão pela superficie da caixa no sentido de toda a sua extensão e chama-lhe o seu amigo dedicado, o seu protector, o seu pae... Era uma louca expansão de ternuras e afagos, que faria nascer n'alma d'Arminda um inferno de ciumes, se ella podesse presencial-a.

Depois, cahindo sobre o leito, com a face junto da caixa, de modo que o ouvido a tocava tambem primiu o pulido botão de marfim e escutou, com previsão de suave delicia, aquelles sons meigos, que pareciam atravessar as cordas tensas e curtas de uma larynge feminina.

E o phenomeno foi dizendo assim:

— Coragem, Ali-Amrú; estás prestes a tocar a meta dos teus trabalhos e attingir a realisação do teu ideal, e, portanto, não desanimes um momento. Se o valor te não faltar sahirás ámanhã da lucta bellicosa coberto de gloria como sahiste do certamen litterario e do conflicto aberto entre o amor e o orgulho da castellã. Mas, para melhor te assegurar a victoria vou tornar-te o mais invencivel dos homens. Volta á bibliotheca do castello onde estiveste hontem: procura á entrada, na estante da direita, por detraz das obras de Aristoteles e Platão, um frasco, que lá deve estar, e que contém um liquido maravilhoso. Traz comtigo o frasco e, ao deitar-te, fricciona fortemente com o

INDUSTRIA PORTUGUEZA

FABRICA DE PANNOS DE ALÇADA E MOUSACO, NA COVILHA

(Segundo uma photographia)

Depois do almoço passou-se á prova da erudicção.

O resultado não foi, nem podia ser duvidoso.

Ali-Amrú venceu todos os concorrentes e foi unanimemente proclamado pelo jury o mais sabio de todos os homens do seu tempo.

Arminda não occultava a alegria que lhe ía n'alma, e teria feito desde logo a opção se aquelles, que duas vezes foram vencidos, não appellassem como *ultimatum* para a prova derradeira, a destreza nas armas.

Esta ultima prova deveria ter lugar no dia seguinte, e consistiria n'um torneio em que os cavalleiros vibrariam tres golpes de lança e outros tantos de espada com armas da mais fina tempera.

Depois do jantar os candidatos dirigiram-se á sala d'armas para escolherem cada um a armadura que melhor lhe ajustasse, e as armas que mais confiança lhes merecessem.

liquido todo o corpo. Sentirás uma prostracção immediata, mas não te aterre esse desalento; é a reação, que te assegura o effeito da applicação do liquido, que não é outra coisa senão o famoso oleo de cavallaria, descoberto pelo valoroso Rolando, e cujo segredo se perdeu com a morte do seu inventor. O dono do castello ignora a existencia d'este balsamo, que ha tres seculos um de seus avós escondeu tão cuidadosamente. Vae; segue o que te digo e descança, porque, se o valor não te faltar, não terás necessidade de me consultar novamente

Ali-Amrú sellou com um beijo as palavras do seu mentor e foi á bibliotheca.

Chegado ali facilmente encontrou o frasco indicado, ao qual uma espessa camada de pó adherente dava um aspecto respeitavel de ancianidade; e cuidadosamente, com todos os resguardos, trouxe o muito unido a si na volta para o quarto.

Fechada a porta despiu-se e deu principio á operação.

O liquido era oleoso, de uma côr esverdeada mas de um aroma agradavel.

Ali-Amrú quasi esgotou o frasco.

As damas agrupavam-se nas sacadas que defrontavam com os campos do combate.

Os villões tomavam tambem posições para gosar do espectaculo, ao passo que os servos da gleba, postados em volta da estacada, seguravam os ginetes ou esperavam a ordem imperiosa do senhor para lhe prestarem algum serviço.

Uma tribuna havia sido levantada no topo da liça; d'ella deveriam assistir a bella Arminda e o sazerano com os seus pares, que constituiram ao mesmo tempo a presidencia dos torneios e o tribunal de arbitragem, que decidiria sem appellação do resultado da lucta.

Tudo estava a postos.

Tocaram novamente os clarins e charamellas; os servos abriram passagem, e o cortejo deslumbrante do senhor feudal deslisou magestoso entre acclamações de enthusiasmo louco, excitado com a presença do fausto e do poder, que assentava no principio esmagador do direito divino.

Deixemos dispôr as scenas para o espectaculo em prespectiva, e vejamos o que é feito do nosso audacioso.

Ali-Amrú, ao levantar-se de manhã, começou por experimentar a musculatura do corpo e ficou verdadeiramente admirado da duresa dos membros, e ao mesmo tempo da agilidade dos movimentos.

A castellã tomou da rosa e levou-a aos labios.

Não era necessario mais para ensoberbecer e tornar invencivel um cavalleiro d'aquelles tempos.

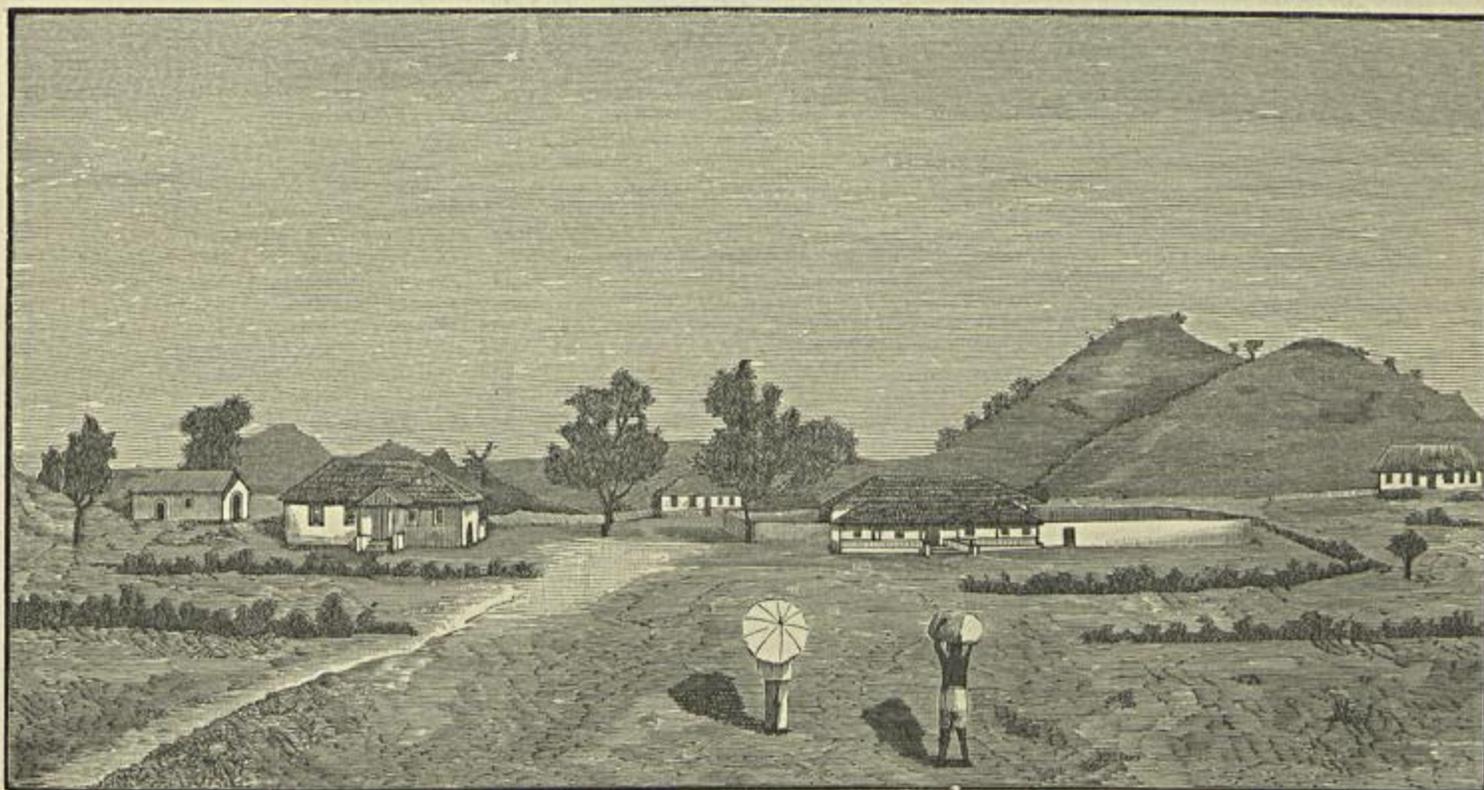
Ali-Amrú cravou as rosetas das longas esporas nos ilhaes do animal, e foi, como um raio, cahir no meio dos cavalleiros, que cobriam a liça.

Houve glorias e revezes e mais de um esforçado lidador foi desarçonado.

Ali-Amrú obrou prodigios, foi proclamado vencedor e levado em triumpho á presença do suzerano, que lhe entregou a mão da sua feudataria com os titulos que o tornavam possuidor dos seus haveres.

Estavam, emfim realisadas as aspirações audaciosas do mancebo.

O dia foi de festa ruidosa, explendida, como d'outra não havia memoria nos vastos dominios do senhor feudal: Ali-Amrú passou-o junto d'Arminda, gosando a primeira e a maior das venturas da sua vida.

A' noite, ao recolher-se ao quarto, viu em pé, junto do seu leito, um velho de longas barbas a alvejarem, no qual reconheceu logo o seu bemfeitor de ha tres dias, que vinha decerto a reclamar o deposito, que então lhe confiara.

AFRICA PORTUGUEZA — SENA

(Segundo uma photographia)

Ao cabo da operação estava fatigado, sentia um quebramento de corpo tão sensivel, que mal podia suster-se de pé. Este symptoma fôra-lhe predicto, e por isso não perdeu o animo. Abriu o leito, deitou-se, conchegou bem a roupa, fechou os olhos e dormiu com a tranquilidade propria das almas felizes.

Ao amanhecer do dia seguinte os habitantes do castello foram despertados pelos toques dos clarins e das charamellas, que atordoavam os ares, annunciando as festas espaventosas dos torneios d'aquelle dia.

Pouco depois os visinhos desfilaram ao longo das veredas em direcção á moradia do suzerano.

Cavalleiros garbosamente montados nos seus ginetes, vestindo reluzentes armaduras, chegavam de todos os pontos e mandavam inscrever-se para as justas. Formosas damas, cavalgando possantes muares, acompanhadas de sequito numeroso de homens armados, vinham tambem assistir aos seus torneios e animar com seus sorrisos os combatentes.

Saudosos tempos aquelles em que o cavalleiro esforçado tantas vezes mordia o pó da liça por causa da dama dos seus pensamentos!

Se foram de barbarie estão sufficientemente desculpados pela posição que conquistaram para a mulher na vida social e no seio da familia.

Os musculos, contrahindo-se ou distendendo-se, produziam um som muito semilhante ao de barras metalicas que se tocam.

Custava-lhe a comprehender como uma tal transformação n'elle se operara tão rapidamente.

Evidenciava-se dos seus exercicios que a força herculea, e que a consistencia das pernas seria sufficiente para fazer rebentar, comprimindo-as, o mais corpolento mursello antes que por elle fosse cuspido.

Um golpe do seu braço seria bastante para partir em dois o arnês de mais fina tempera.

Verdadeiramente satisfeito de si foi á sala d'armas ajustou a armadura, cingiu a espada, tomou da lança, e, como se aquillo lhe fosse muito habitual, seguiu sem embaraço até ao jardim, onde colheu a mais bella rosa, adornando com ella o cinto que apertava a couraça.

Estava encantador de simplicidade o moço!

A sua entrada na liça foi uma ovação.

O bravo ginete, guiado por mão de mestre, foi dobrar os joelhos em frente da tribuna, ao mesmo tempo que o cavalleiro, levantando a viseira, arrancou do cinto a rosa, ha pouco colhida, e offereceu-a á dama dos seus pensamentos, á bella Arminda, por quem ia combater.

O cavalleiro, pois que assim lhe podemos já chamar, cahiu de joelhos junto d'aquelle homem, para lhe agradecer o seu auxilio, sem o qual, disse elle, nada de bom teria feito.

O velho, tomando-lhe da mão, levantou-o e disse-lhe meigamente:

— Enganas-te: nada fiz; foi apenas a imagem de um sentimento, que tinhas no coração, o qual te deu a sciencia a força e o amor. Queres saber o nome d'esse sentimento?

— Oh! dize, dize...

— E' a VONTADE...

E desappareceu rapido como um sopro.

A. Motta.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

I

No sopé da serra da Arrabida, que os romanos conheciam pelo nome de *Mons-barbaricus*, e onde os arabes e neo-godos feriram mais do que uma batalha, existia um espaçoso algar, que servia de

nicho ou ermida a uma santa, encontrada n'aquelle sitio, segundo a tradição.

Este algar, ou gruta, demorava a não pequena distancia dos franciscanos arrabidos, cujo convento ainda existe alli semi-rendido aos golpes impiedosos da catapulta dos tempos.

Desde o seculo 16.º, época da fundação d'aquelle mosteiro, realisada pelo piedoso castelhano frei Martinho de Santa Maria, nunca a referida imagem se viu entregue ao abandono, porque os frades, subdividindo os seus cuidados pelas coisas da regra e da particular devoção, destacavam-se a turnos para a gruta, e alli se demoravam no culto da santa e no ensinamento dos pequenos pastores que, com os seus rebanhos, appareciam n'aquelles sitios.

Após um vinha outro, e todos desejavam viver alli temporariamente, porque lhes aprazia o local e o convio dos pegureiros.

. . . .

Era n'uma noite de janeiro, tempestuosa e escura : O vento, soprando com impeto e sibilando em differentes diapasões, dava idéa d'uma horda de duendes, entoando uma canção infernal.

A este *concerto* medonho associava-se o som cavernoso do mar, quebrando-se em golfadas espumosas por sobre as cristas dos rochedos.

Fr. José do Amor Divino, encostado ao seu catre de cortiça, com o corpo tapado unicamente pelo habito de estamenha, dedilhava o seu rozario de grossas contas e punha os olhos na santa, a quem pedia que advogasse no ceu a causa dos pobres marinheiros, que n'aquella noite perigavam.

Infelizmente as petições do bom frade não eram ouvidas, pois que o vento recrudescia.

A alampada da santa, cuja luz enchia a gruta d'oscillante claridade, despedaçou-se por effeito d'uma rajada de vento que invadira o algar.

O frade, mergulhado em trevas e amedrontado pelo energico arruido que o tufão produzira, sentiu que os cabellos se lhe erriçavam, e buscou a muito custo sahir da lapa.

Exposto ás iras do temporal, circuitado de sombras, frio como o gêlo e n'uma forte convulsão, o santo monge resolveu abandonar o seu posto e ir-se ao acaso em busca d'uma choupana, que o recolhesse durante a noite.

Agarrado aos rochedos, cahindo e rolando a cada passo, chegou por fim á dura conclusão de que lhe seria impossivel realisar o seu desejo.

Meditou.

Voltar á gruta, seria o mesmo que expôr-se a novos sacrificios, e continuar mergulhado n'uma profunda escuridão.

Fr. José deixou-se ficar entre dois penedos ; e, conchegando á face macilenta o coçado capuz do habito, deu-se a novas meditações.

De quando em quando, um prolongado estremecimento produzido pelo frio, que lhe chegava á medulla, vinha despertal-o do mystico letargo a que se dera.

Depois... fitava o espaço, os labios deixavam d'agitar-se, apertava febrilmente o rozario, e cahia de novo n'aquelle modôrra contemplativa, em que alfim ficou largo tempo.

Acostumado a contar as horas pela reza, não lhe foi difficil saber que passava da meia noite.

Abriu, por ultimo, os olhos, ergueu a vista ao ceu e monologou piedosamente :

— Que noite lenta e horrivel, Senhor !... Misericordia, meu Deus, misericordia !

Mal tinha o monge pronunciado estas palavras, quando, a curtissima distancia, ouviu soar uma gargalhada estridente.

Fr. José estremeceu com vehemencia.

Cahiu sobre os joelhos feridos pelas asperezas do seu genuflexorio, e encetou novas preces.

Depois, ouviu-se um ligeiro e impiedoso dialogo.

O monge, sempre álerta, ergueu-se d'um pulo, como corça ferida pelas balas do caçador.

O rozario cahiu-lhe das mãos.

Quem então lhe fitasse o rosto á luz sinistra dos relampagos, decerto desconheceria o frade de S. Francisco.

Se o soffrimento nos envelhece, a felicidade remoça-nos : é principio assente e incontroverso.

Fr. José remoçára os annos que a dôr e a fadiga o tinham envelhecido.

Já não o horrorisava a procella, já não pensava nos espiritos das trevas, já não o magoavam as gargalhadas dos impios, e, cada uma que estes soltavam, chegavam-lhe aos ouvidos como sons embriagantes d'uma harpa feiticeira.

Mas o peito agitava-se-lhe com violencia, e dos grandes olhos negros corriam-lhe algumas lagrimas.

— Oh ! é elle !... é elle ! .. Obrigada, meu Deus !...

E seguindo o rastro luminoso da lanterna dos desconhecidos, que eram outros tantos salteadores, viu-os entrar na lapa, que elles buscavam como abrigo d'aquella noite de vendaval.

II

Pelas oito horas d'uma noite de fevereiro de 1758, soavam dez badaladas, mathematicamente compassadas, no sino grande da egreja de Santo Estevão d'Alfama.

As pessoas que as ouviam, descobriam-se reverentemente, e, pelo movimento dos labios, bem se via que resavam.

Estas monotonas e tristonhas badaladas, chamadas — *da agonia* — annunciavam, n'aquella época, o passamento dos adultos, ao mesmo tempo que convidavam os crêntes a orar por elles.

Quem penetrasse no labyrintho de ruas estreitas, tortuosas e immundas que occupavam, e occupam ainda, a área d'aquella freguezia, e se deixasse ir até ao largo do Regedor, encontraria, sem custo, a casa do moribundo.

As janellas, descidas, deixavam passar, além dos vidros baços, os clarões melancholicos d'uma luz tremente e escassa.

D'espaço a espaço ouviam-se lá em cima uns soluços abafados, que explicavam de sobra o que ia d'intimo soffrimento nos corações d'aquelles que os exhalavam.

Subamos as escadas carunchosas da velha habitação e penetremos na alcôva do agonisante.

Uma das faces do quarto, de forma quadrangular, que ostentava o mais irreprehensivel asseio, era occupado pelo leito do enfermo, tendo á ilharga uma meza de pau preto, coberta por uma toalha de finissimo linho, guarnecida de rendas de Vianna.

Sobre esta mesa via-se uma imagem do Crucificado, ladeada por dois brandões accesos; e logo ao pé, uma caldeira com agua benta, cujo hyssope parava nas mãos d'um padre sexagenario, que se achava presente, o qual aspergia o leito e entoava o *Miserere mei Deus*, n'um tom ungido de mystica melancholia.

Nas outras faces da espaçosa camara tomava logar meia duzia de cadeiras de coiro com guarnições de metal, uma estante de pau santo repleta de grossos livros, duas mesas d'egual madeira, primorosamente trabalhadas, duas antigas poltronas e outra identica mobilia.

A' cabeceira do leito encontravam-se, além do velho sacerdote, uma formosa menina de 18 annos, com os cabellos em desordem, as faces humidas, as mãos erguidas, e fitando nervosamente ora o crucifixo, ora o agonisante.

A pequena distancia estacionava um rapaz alto, trigueiro, bem parecido.

Com a mão direita no seio, a fronte inclinada para o chão e o cabello em desalinho, soluçava n'um esforço de silencio... n'uma difficil concentração.

O moribundo seria homem de setenta annos.

Pouco antes de lhe havermos invadido a alcova, dissera elle aos dois jovens :

— Meus filhos : Já me não restam trinta minutos de vida, e oxalá que se extinga breve, porque soffro muito. De sobra sabeis que ficaes pobres : Comtudo lego-vos o thesouro do meu nome immaculado. Sêde honrados como eu fui, sêde amigos. Protegei-vos mutuamente.

. . . .

« E tu, filha querida, minha pobre Branca : Pede a Deus em tuas orações pelo descanço da minha alma. Ama teu irmão, que te fica sendo segundo pae, e guarda dia e noite na memoria os meus conselhos, e os conselhos que te dera a tua sancta mãe, que espero vêr no reino da Gloria. Ah! se não fôra a recordação pungente de vos deixar ficar sosinhos, de certo a dôce esperança d'avistal-a me concitaria a encarar a morte com jubilo».

Este singelo monologo, repassado de ternura, cujo tom sentimental se não pode descrever, sortiu effeitos tão dolorosos nos corações dos dois jovens, como que se houvesse transformado no rochedo de Sisiphos que de chofre lh'os esmagasse.

Então o velho, enxugando os olhos na dobra do lençol, fez um gesto a seus filhos, que se approximaram do leito.

— Senta-te aqui um pouco, Samuel. E tu, Branca, colloca-te tambem ao pé de mim.— Então?!... Que tolices são essas?!... Porque choram vocês como duas pequenas creancinhas? Quem lhes disse que eu havia de ser eterno?... Meus filhos: Sêde amigos... sêde honrados... protegei-vos mutuamente... trabalhae... e amae-vos sempre.

E o pobre pae, com a voz abafada pelos soluços, pegou-lhes nas mãos e levou-as aos labios calcinados pela febre.

Decorreram alguns segundos d'um silencio lancinante.

Samuel e Branca — mudos, quedos e lacrimosos — assimilhavam-se a estatuas de granito, em cujos olhos pousaram os orvalhos da manhã.

Depois o ancião, sentindo que o abandonavam os derradeiros alentos, e querendo aproveitar os poucos instantes que lhe restavam, dirigiu-se a Samuel disse-lhe por ultimo e com a voz quasi extincta :

— Entrego-te tua irmã. Vela pela infeliz creança como eu velei... Juras que has de substituir-me em dedicação e amor?...

Samuel esforçou-se, mas não pôde responder.

Baixou duas vezes a formosa cabeça em signal affirmativo, afastou-se, cambaleou por um momento, e foi por fim cahir abandonado sobre uma velha poltrona.

Branca, abraçada ao crucifixo, dizia palavras loucas, sem nexo.

O honrado velho já não pôde divisar este quadro afflictivo através das nevoas da morte, que lhe empanavam a vista.

N'este momento abriu-se a porta da alcova, e o sacerdote, que já vimos, aproximou-se do leito e ungiu o agonisante.

III

A noticia da morte de Bernardim Barbeita foi sentida por todos que o conheciam, pois que fôra elle um modêlo dos bons chefes de familia, e um cidadão respeitavel e respeitado pelas suas muitas virtudes.

Procedente d'uma das mais fidalgas familias da Beira-Baixa, mas, por infelicidade sua, exhausto de fortuna, estudou em Coimbra o curso de direito, e, depois de formado, pôde obter um lugar na magistratura, graças á importancia politica d'um seu parente, que, n'aquelles tempos, tinha um logar vantajoso n'uma das secretarias d'estado.

Bernardim Barbeita, casado que fôra com a filha terceira dos margados de Villa-Chan, teve a supina infelicidade de perder a esposa poucos dias depois do nascimento de Branca. Samuel seu filho mais velho, chegou a cursar estudos superiores, que teve de abandonar por conveniencias de saude.

Era a familia Barbeita assás avêssa a Sebastião José de Carvalho e Mello, ministro de D. José, — o que lhe custou não poucos dissabores.

Se Bernardim seguisse o exemplo dos sabujos, e se, como elles, se dobrasse perante o grande vulto e lhe limpasse os sapatos, certamente não morreria, como morreu, entre as quatro paredes d'uma casa modesta, situada no coração d'Alfama.

Mas o fidalgo beirão, que tratava as questões de dignidade com um estoicismo espartano, preferia ser triturado pela engrenagem das injustiças, a curvar-se em ridiculos salamalekes na passagem do grande homem.

Quando em 1755, depois da horrorosa derrocada de Lisboa, o eminente estadista se rodeou de gente da justiça para impedir a violencia e o roubo, Bernardim Barbeita fôra dos encarregados de capitanear um certo numero de esbirros, e de patrulhar com elles n'uma determinada zôna da capital, destruida pelas convulsões vulcanicas e pelo incendio.

Como Bernardim, muitos outros magistrados foram encarregados de vigiar outros pontos, e de fazer justiçar os miseraveis, que, como hyenas, se encontrassem sobre os destroços da cidade amalgamada.

O fidalgo beirão, que via n'esta medida uma armadilha á popularidade por parte do ministro, disse que de facto era assás humanitario policiar e defender a fazenda das victimas do terramoto; mas que similhante missão não devia ser assim commettida, quasi á força, a algumas duzias de homens, só por que viviam do herario, quando era mais regular e justo que tocasse a todos, porque todos encontrariam o interesse e o dever associados ao sacrificio.

Aos ouvidos do que mais tarde se chamou conde de Oeiras e marquez de Pombal foram ter as palavras de Barbeita, como que se este houvesse fallado no transmissor d'um telephone, cujo receptor aquelle houvesse junto á orelha.

Sebastião José de Carvalho e Mello franziu as sobrancelhas e deu á face uma expressão carrancuda.

Quando as linhas do rosto se lhe encurvavam, os olhos se lhe accendiam, e assestava a sua descommunal e ameaçadora luneta, diz a tradicção que a tempestade andava perto.

O ministro de D. José mandou chamar o magistrado.

Bernardim Barbeita compareceu.

— E' verdade, perguntou o estadista, que murmurou publicamente das providencias por mim tomadas contra a violencia e o roubo?

— Os *informadores officiosos* de v. ex.ª que lhe respondam.

Estas palavras, sêccas como o fogo, pronunciadas a distancia dos encurvamentos do dôrso, *encabrestaram* um pouco os impetos do ministro, que, lá por dentro, ardia em raiva.

....

O marquez de Pombal teve grandes virtudes e supremos defeitos.

As virtudes todos lh'as conhecem, e a sua memoria ha de residir sempre na mente dos homens, emquanto a carcôma dos seculos não corroer esse famoso menumento de marmore e granito denominado — Lisboa.

Hade encontrar-se nos labios da tradição, emquanto que o amor da patria nos consentir que comparemos o esplendor do seu governo, manifestado pela vida da nossa actividade e pela veneração pelo nosso nome, com isso que ahi nos dirige, e que nos arrasta abatidos pela fome, chagados e semi-nús pelas urzes da miseria, e pelos lodaçaes da deshonra.

Os seus defeitos, os seus supremos *senões*, consistem na demasiada importancia que se arrogava; consistem nas exorbitancias do poder; consistem na maldita ambição de querer dominar todos e de pretender lançar sobre o proprio docel do throno uma torre de titans, por onde podesse vêr lá de cima, cá em baixo, a humanidade, agitando-se como as formigas no verão.

Afóra isto, o ministro de D. José era um vulto grandioso

....

Sebastião de Carvalho, apenas Bernardim respondera, assestou contra elle a terrivel luneta e mirou-o d'alto a baixo.

O beirão não se rendeu á ameaça.

Tomou uma commoda posição, e poz-se a analisar a ampla excursão da vista do ministro.

A este tempo Sebastião de Carvalho pensava na cadêa, e Bernardim Barbeita esquecia-se de si e da familia, para se lembrar unicamente d'um enorme tinteiro de chumbo que lhe ficava fronteiro.

O ministro não era cobarde; mas receou-se da imponencia do magistrado, cujo genio arrebatado de sobejo conhecia.

Por isso, apeou a immensa luneta sobre um grosso infolio, que lhe ficava á mão, e limitou-se a dizer:

— Eu podia castigar severamente o magistrado que ousou resistir ás ordens d'El-Rei. Entretanto serei uma vez complacente. Cuidado, porém, com as prevaricações d'ámanhã...

— Resistir ás determinações d'El-Rei? Essa accusação é injusta, é falsa...

— Basta; interrompeu o ministro levantando a voz.

— Perdão, continuou o fidalgo: Bernardim Barbeita tem a consciencia dos seus actos, e nunca abdicou da sua dignidade.

Escusado será dizer que, vinte e quatro horas depois d'esta scena, o magistrado era demettido do serviço d'El-Rei.

Por muito feliz se devêra ter dado, visto não ter soffrido os effeitos da vingança do ministro, — effeitos que poderiam traduzir-se n'um processo forjado nas trevas, que o levasse de casa á cadêa, e da cadêa ao exilio.

Do marquez de Pombal existem raros escriptos de similhante benevolencia.

Se todavia procurassemos a causa d'este facto extraordinario, encontral-a-hiamos na secretária do beirão, representada n'uma carta extensa e *amavel*, em que o ministro de D. José aconselhava ao magistrado que se deixasse d'escrupulos de consciencia, e que condemnasse, a despeito da innocencia, um seu inimigo implacavel e figadal.

Bernardim Barbeita *satisfez* com a absolvição do *réu* as imposições mascaradas de Sebastião de Carvalho, e guardou por ultimo a sete chaves a preciosa epistola.

Desde esse momento o nome do fidalgo da Beira passou a occupar uma das paginas terriveis do livro negro do ministro; e se acaso não desabára sobre Bernardim os effeitos d'uma vingança, é porque Sebastião de Carvalho havia tido a louca lembrança d'escrever-lhe.

Ainda assim o beirão foi por vezes incommodado.

Demittido do logar que exercia, teve de recorrer á reducção das despezas caseiras e ao ensino do latim, para não morrer de fome.

IV

Estendido na tumba da Misericordia, amortalhado no habito de S. Francisco e ladeado por alguns frades e mendigos, lá caminha para a sepultura o cadaver do honrado velho.

Se n'este humilde sahimento escaceiam os ourepeis ridiculos, sobram os lamentos sinceros e as lagrimas verdadeiras.

....

Branca e Samuel, no segundo dia da sua dupla orphandade, tiveram de vender a casa onde viviam, a mobilia e algumas roupas, para pagamento de dividas contrahidas por seu pae durante o longo periodo da sua enfermidade; e, em seguida, foram habitar uma modesta agua furtada para os sitios da Pampulha.

As difficuldades de vida começaram desde logo.

D'uns pobres trapos que lhes haviam ficado, já nada havia que vender.

Samuel sahiu um dia a procurar trabalho.

Principiou por offerecer os seus serviços aos notarios da cidade, que lh'os rejeitaram.

O pobre moço recolheu a casa desalentado e com fome.

Branca, entregue á costura, aguardava Samuel com uns miseros patacos, muito satisfeita de si por ter ganho n'aquelle dia o necessario para umas sôpas.

O triste moço, tão depressa chegára á escura agua furtada, deixou-se cahir sobre um banco e desatou a chorar.

Não era o proprio soffrimento que lhe promovia o pranto: era a certeza dolorosa de vêr a sua querida irmã a braços com as privações, sem que lhe restasse a esperança de conseguir trabalho que os arrancasse áquella acerba situação.

Depois, recordando-se d'aquelles dias felizes, quando a idéa da fome lhes era uma utopia, e comparando o passado de saudosas recordações com o presente envolto de sombras de miseria, escondia a face entre as descarnadas mãos e suffocava os soluços para que a infeliz irmã não descobrisse o que de doloroso se passava no mais intimo da sua alma.

A ingenua menina, apenas Samuel entrara em casa, ergueu-se de sobre uma esteira, onde costurava, e foi-se ao encontro d'elle.

— Bem vindo seja, lhe disse, simulando-se zangada: Que fez o meu menino pela cidade, que tanto se demorou? Bem sei... A minha companhia não offerece distracções, — pois não é assim?

— Que lembrança, Branca!... Pois que haverá para mim de mais appetecido do que a tua dôce companhia?... Se me demorei mais do que devia, foi porque andei de porta em porta pedindo trabalho aos notarios.

— E conseguiste-o?

— Qual!... todos me despediram como se despede um importuno.

Foi aqui que o mancebo se deixou cahir sobre o banco e que occultou a Branca a immensa magoa que o opprimia.

— Não te afflijas, Samuel. — Deus é grande e bom. Se os notarios rejeitaram os teus serviços, alguem t'os aproveitará. Olha: para hoje e para ámanhã, já temos o necessario. Tu és sobrio, e eu tambem.

E correndo ao cestinho da costura, puxou de tres patacos que entregou ao irmão.

— São os meus ganhos d'hoje. Amanhã Deus dará.

— Pobre creança! monologou com lagrimas na voz o desventurado moço.

(Continúa)

A CONDESSINHA

Na manhã d'aquelle dia, andava elle passeando no jardim, por entre duas filas de buxo que o encobriam completamente, quando ouviu pronunciar o seu nome.

Movido pela curiosidade, escutou.

Era o jardineiro que conversava com a mulher, emquanto tratava das flores.

— Mas tu tens a certeza de que é ella? dizia a mulher.

— Ora essa! Então eu não a conheço?

— Mas nada mais facil do que teres-te enganado. Talvez confundisses com alguma criada.

— Nada... Não me enganei. Tenho-a visto, quasi todas as noites, descer ao jardim para ir fallar-lhe ao portão de ferro que está la ao fundo.

— E *elle*, já o vistes?

— Não. Não sou homem que ande a espreitar a vida de cada um.

— Quem havia de dizer!... Ha tão pouco tempo que são casados...

O conde afastou-se d'ali, escorrendo em suor.

Seria verdade o que aquella gente dizia?

Era impossivel!

— E d'ahi, quem sabe! As mulheres são a causa de todas as desgraças dos homens, pensava elle.

O conde não era homem que descesse a falar com um rustico, sobre o assumpto que acabava de ouvir; comtudo teve desejo de o interrogar.

Se uma punhalada lhe tivesse partido o coração, não sentiria tamanha dôr como a que sentiu ouvindo a conversa do jardineiro.

— Nada minha mulher... Não póde ser! A jardineira diz bem, é alguma criada que tem por ahi o seu namorado e lhe vae fallar ao portão quando nos apanha dormindo.

E ficou-se a scismar.

— E se fosse verdade? Oh! se fosse verdade... matava-a!...

* * *

Ao almoço, quando estava face a face com a condessinha, fez todo o possivel para descobrir alguma cousa que a trahisse. Mas, por mais que fizesse para descortinar-lhe o pensamento, não podia, não via no gentil rosto de sua mulher uma unica linha que denunciasse perfidia.

Pelo contrario.

Era toda amor, ternura, mil cuidados com o seu querido marido.

Depois, quando acabou o almoço e ficaram sós por alguns momentos, sem que os criados os viessem importunar com a sua presença, ella foi sentar-se-lhe nos joelhos, a morder-lhe o bigode com os pequeninos dentes, umas perolas de dezoito annos, e a beijal-o com uns beijos muito demorados, cheios de voluptuosidade.

Mas o conde, desconfiado de tanto carinho, afastava-a brandamente, sem a querer offender.

Seria tudo aquillo fingimento?

Não, era impossivel! Isso seria um grande cynismo n'uma mulher.

Mas se não era ella, quem era que todas as noites ia fallar ao portão?

Oh! quantas recordações lhe trazia aquelle sitio!

Era alli que elle vinha outr'ora fallar a sua mulher, pela calada da noite, quando tudo estava em socego. Fóra ali que elle lhe dera o primeiro beijo e onde passára longas horas a confessar-lhe o seu amor. Aquelle portão era a testemunha muda de quanto tinha gosado.

Quem diria que d'ali a pouco tempo, ella havia de trahir esse amor que lhe tinha jurado, para se entregar nos braços d'outro, emquanto elle dormia tranquillo na sua fôfa cama.

As palavras do jardineiro não lhe saiam dos ouvidos e faziam-no desfallecer, sem que tivesse coragem para perguntar á mulher que elle amava ainda, o que tinha feito da sua honra.

* * *

Descera finalmente a noite, quente como quasi todas as noites de verão.

Não havia uma unica aragem que agitasse a ramada das arvores, e, para completar ainda mais o quadro, a lua, que vinha espelhar-se nas aguas serenas do lago, rompia aqui e ali por entre o arvoredo, espreguiçando-se pallidamente nas ruas do jardim, e formando dos arbustos que o guarneciam, grandes sombras phantasticas que rolavam pelo chão.

O conde, da janella do seu quarto, espreitava tudo que se passava no exterior da casa.

Passados alguns momentos de impaciencia, presentiu passos na escada que dava para o jardim e o ruido d'uma porta que se fechava.

Debruçou-se na janella, e reconheceu a condessinha que se dirigia para o portão que ficava ao fundo.

Desceu d'um pulo a escada, e sabendo já para onde ella se dirigia, tomou-lhe a dianteira e foi postar-se proximo do portão, encobrindo-se com um loureiro.

D'ali a pouco chegava a condessinha, e começava a conversar com alguem que o conde não distinguia, mas que necessariamente devia estar do lado de lá da grade.

— Vieste tão tarde, dizia ella, por que foi?

O conde não ouviu resposta apezar de apurar o ouvido.

— Sim, amo-te muito, tornou ella como dando resposta a uma pergunta que lhe fizessem do lado de fóra.

Por maior attenção que elle tomasse nas respostas, não era capaz de as ouvir, o que muito o intrigava.

O conde padecia immenso e bem via que aquella scena não poderia durar muito tempo.

Instinctivamente apertou a pequenina coronha d'um revólver que nunca o largava, e ebrio de furor, preparou-se para acabar com aquelle tormento por uma vez.

— Mas primeiro, disse elle comsigo, quero conhecer o meu rival. Primeiro elle, depois...

Pé ante pé, foi collocar-se por detraz da condessinha sem que ella o persentisse.

Olhou para a rua, mas a rua estava deserta.
Então approximou-se mais da grade julgando que o traidor estivesse encoberto com o pilar do portão.
Nada, na rua não estava ninguem.
Cheio de raiva e de ciume, apontou o revólver a cabeça de sua mulher, mas quando ia desfechar, soltou um grito de espanto.

. . . .

A condessinha era somnambula.

Ricardo de Souza.

REVISTA POLITICA

Os tristes e tragicos acontecimentos do norte deram soeto á nossa modesta revista, no numero passado do OCCIDENTE, todo dedicado aquella lugubre trajedia que victimou 110 vidas de nossos irmãos.

Aquella grande desgraça tem absorvido por tal modo as attenções de todo o paiz, que as graves questões politicas que preocupam a administração publica, não conseguiram desviar o coração d'este bom povo portuguez, das consternadas scenas da Povoa e da Afurada, procurando por todos os meios mitigar tantos infortunios, amparar tantos desgraçados.

E' altamente consolador vêr, no meio de uma crise financeira, em que as difficuldades da vida crescem de dia para dia, como se esqueceram os proprios males, e todos offerecem expontaneamente, o pouco ou o muito de que podem dispôr em favor de um punhado de familias a quem faltou o seu chefe, o seu amparo.

E tem sido tal a corrente de donativos, por todas as formas e meios, em favor das familias dos naufragos, que pouco nos devemos admirar, se muitos dos que tem concorrido para tão caridoso fim, vierem amanhã pedir donativos em seu favor, tornando-se este paiz uma terra de pedintes.

A época é de pedir. O povo pede economias nas despezas do Estado; o governo pede contribuições ao povo e moratorias aos credores, e nós todos passamos a pedir uns aos outros, pensando que os outros estão melhor do que nós.

Agora são os operarios que pedem, porque não tem trabalho onde ganhar, e este pedir é de mais funestas consequencias e dos peiores syntomas, porque revela uma crise economica da peior especie. Essa crise que lá por fóra se manifesta ha annos, e que vae chegando por cá presorosamente, activada pelas circumstancias financeiras do paiz.

Era de prevêr, e bem poderiamos estar livres d'ella, por mais algum tempo, se a pessima administração que temos tido não a tivesse apressado.

Tratemos, porem, do que se vae passando, na triste realidade, positiva e esmagadoura d'estes tempos.

Tem-se levantado receios de que o governo não arranje os fundos necessarios para pagar o coupon de abril, tem havido até quem dê por certo a banca rôta, e pareça estar muito satisfeito com isso, tal é a idiotice que lhe fervilha lá dentro do miolo chocho; mas o que, todavia, parece verdade é que tal desastre não se dará, e que o governo tem os seus negocios bem encaminhados para um accordo com os credores estrangeiros, de lhes pagar os juros, com titulos amortisaveis e vencendo tambem juros, isto pelo espaço de tres annos, devendo entrar já n'este accordo o coupon de abril.

Esta transação, que é perfeitamente humana e rasoavel, nas actuaes circumstancias, tem por isso mesmo todas as probabilidades de se realisar, porque mostra a boa vontade de satisfazer encargos sem criar novas difficuldades, como as operações milagrosas que nos ultimos tempos se tem feito, com grande espanto dos pacovios e grave ruina do thesouro.

Esta especie de moratoria de tres annos, dá uma folga rasoavel ao thesouro para equilibrar as suas finanças, desde que continue uma administração de boa economia e honestidade.

Com boa economia e moralidade é relativamente facil desafogar a situação do paiz n'um curto praso. Toda a difficuldade só consiste em realisar aquellas duas cousas.

No parlamento tem continuado a discussão das pautas, tendo tambem sido já apresentado o parecer sobre a lei de meios, com que o governo precisa ficar auctorisado, para proceder á cobrança dos impostos, etc.

As grandes reformas que o governo projecta fazer sobre os serviços publicos, só terão logar depois do parlamento fechado e terminada a sessão legislativa.

Sobre isso correm muitas versões tendentes a fazerem acreditar, que então é que levam coiro e cabello as taes reformas, mas afinal no peior dos casos só terão a arreciarem-se d'ellas aquellas a quem a consciencia lhes pesar.

O GERAL DOS JESUITAS P.e ANDERLEDY

FALLECIDO EM 18 DE JANEIRO DE 1892

Não façamos, porém, juizos temerarios, n'esta boa terra de amigos, em que tudo se sacrifica á amisade, tudo, até a querida patria, como se tem visto e se está sentindo.

Por amisade se calcam as leis; por amisade se inventam empregos e se sustentam sinecuras; por amisade se dão mercês, se elegem deputados; por amisade se alcança tudo que o merito muitas vezes não póde obter, que a justiça não deve sanccionar.

Não antecipemos, pois, juizos sobre o que está para vir, e aguardemos antes os factos, para vêr até que ponto será posta em pratica a tal vida nova que todos pedem, mas que muitos não teem vontade nenhuma de vêr.

Só mais uma noticia e por aqui nos fiquemos.

A commissão de infracções, acaba de apresentar o seu parecer sobre a questão Mariano de Carvalho.

Esse parecer conclue por *não achar motivo para processo criminal contra* o sr. Mariano de Carvalho.

Disse.

João Verdades

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Viagens no Sertão do Amazonas. *Do Pará á costa do mar Pacifico pelo Amazonas, Bolivia e Peru*, por Bernardo da Costa e Silva. Porto, typographia de Arthur José de Sousa & Irmão, 1891.

Um volume de 380 paginas in-8º e 1 de erratas, illustrado com gravuras de Alberto segundo desenhos de Bernardo da Costa e Silva. E' este livro devidido em quatro partes, comprehendendo a primeira: *Do Pará a Manaus*; a segunda, *De Manaus a Santo Antonio do Rio Madeira*; a terceira, *De Santo Antonio do Rio Madeira a Bolivia*; e a quarta: *De Bolivia á costa do Mar Pacifico*. Escripto despretenciosamente, como o seu auctor declara, tem as *Viagens no Sertão do Amazonas*, todo o interesse e curiosidade que despertam este genero de livros, e que o tornam recommendado, principalmente hoje que as explorações de paizes incultos, é a ordem do dia, em toda a velha Europa

Estamos certos que o livro do sr. Bernardo da Costa e Silva obterá o exito que merece, tanto em Portugal como no Brazil.

Agradecemos ao auctor a sua amavel offerta.

A Segunda Duqueza. *Segundo dos Serões Manuelinos*, por Luciano Cordeiro, Lisboa, Livraria Ferin & C.ª Um volume de 262 pag. in-8º, 1 de indice e 1 de erratas *A Segunda Duqueza* é mais um delicioso livro com que o sr. Luciano Cordeiro acaba de enriquecer a sua já importante bagagem litteraria; mais um estudo historico, desentranhado de entre velhos documentos, que ligou, a que deu forma litteraria, podendo-se lêr sem enfado, antes com deleite e curiosidade. E' o que, por emquanto, podemos dizer do novo livro, do qual mais de espaço o OCCIDENTE se occupará em um dos proximos numeros.

Entretanto já aqui fica o nosso agradecimento ao auctor

As Amantes de D. Joao V. *Estudos Historicos*, por Alberto Pimentel. Lisboa, Livraria Ferin & C.ª, 1892. Um volume de 276 pag. in-8º Mais um livro novo que vem affirmar o incançavel trabalho do sr. Alberto Pimentel, nos seus valiosos estudos historicos. O assumpto d'este livro não podia ser melhor escolhido para despertar a curiosidade do leitor, que effectivamente tem muito em que a saciar, pois é dos reinados mais curiosos o de D. João V, com a sua côrte e as suas aventuras e extravagancias. D'isto nos dá o livro do sr. Alberto Pimentel boa noticia e em breve contemos publicar mais desenvolvida apreciação, para o que nos falta agora tempo e espaço.

Por hoje, só annunciamos a obra e agradecemos a sua offerta.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 41